



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LDL**

**AS DUAS ESTRELAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE “O QUINZE” DE  
RACHEL DE QUEIROZ E “A HORA DA ESTRELA” DE CLARICE LISPECTOR**

**FLÁVIA RIRELLE DA SILVA DINIZ QUEIROGA**

**Católé do Rocha – PB**

**2021**

**FLÁVIA RIRELLE DA SILVA DINIZ QUEIROGA**

**AS DUAS ESTRELAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE “O QUINZE” DE  
RACHEL DE QUEIROZ E “A HORA DA ESTRELA” DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras

Orientadora:

Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes

**Catolé do Rocha – PB**

**2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

Q3d Queiroga, Flavia Rirelle da Silva Diniz.

As duas estrelas: uma análise comparativa entre "o quinze" de Rachel de Queiroz e "a hora da estrela" de Clarice Lispector.

[manuscrito] / Flavia Rirelle da Silva Diniz Queiroga. - 2021.

40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Figura feminina. 2. Literatura. 3. Representação Social.

I. Título

21. ed. CDD B869.34

**FLÁVIA RIRELLE DA SILVA DINIZ QUEIROGA**

**AS DUAS ESTRELAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE “O QUINZE” DE  
RACHEL DE QUEIROZ E “A HORA DA ESTRELA” DE CLARICE LISPECTOR**

Aprovado em 01/06/2021

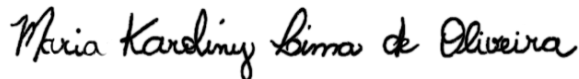
**Banca examinadora**



Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes – UEPB/Campus IV  
Orientadora



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo – UEPB/Campus IV  
Examinador



Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira – UEPB/Campus IV  
Examinadora

**Catolé do Rocha – PB**

**2021**

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, meu porto seguro, pela sua graça e misericórdia derramada sobre minha vida, por sempre me sustentar e está no controle de tudo, por não me abandonar mesmo quando a desmotivação e o desânimo são mais fortes.

Ao meu esposo, **Kaio**, por estar sempre ao meu lado, torcendo e apoiando todas as minhas decisões. Aos meus pais, **Francisco** e **Rita** que apesar de todas as dificuldades nunca desistiram de mim e dos meus sonhos. Agradeço também aos meus irmãos, **Priscila**, **Micael** e **Felipe** por sempre estarem ao meu lado, vocês são muito importantes para mim.

A todos os meus amigos e colegas, por todos os momentos inesquecíveis de partilha e descontração, vocês foram essenciais para o meu desenvolvimento pessoal e social, em especial, ao meu trio, **Flávia Juliana**, minha xará e também minha melhor amiga, aquela que está presente na minha vida desde o Ensino Médio e agora também na Universidade, **Natan Severo**, pela amizade e companheirismo, agradeço também a **Ítalo Aguiar** e **Luciana Roseno**, pela amizade, apoio, e alegria contagiante que nos transmite, **Ana Geovana**, **Cíntia Suzany** e **Valdelânia Serafim** pela amizade e companheirismo nos “perrengues” que enfrentamos durante este período de nossas vidas, enfim, agradeço a cada um, por tudo.

A todos os meus **professores (a)** que de forma direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação intelectual e humana, como também a todo o corpo administrativo da **UEPB**, *campus IV*, por todo apoio e recepção oferecidos.

A minha estimada e querida orientadora Profa. **Marta Lúcia Nunes**, por toda dedicação, compromisso e atenção na elaboração deste trabalho.

Enfim, obrigada a todos que contribuíram de alguma forma durante toda a minha trajetória acadêmica, e em especial, na elaboração deste trabalho, muito obrigada!

A minha mãe, Rita Jânia, por ter desde cedo se preocupado com a minha educação, apesar de todas as circunstâncias, boas ou ruins, é uma mãe presente e dedicada, obrigada por comemorar comigo esta conquista, dedico.

[...] Se a 'imitação' é, classicamente, o correlato das representações sociais e se estas mostram ao indivíduo o meio a que está ligado, então a mimeses supõe algo antes de si [...] de que é um análogo, algo que não é a realidade, mas uma concepção da realidade. Luiz Costa Lima

## RESUMO

O presente trabalho discute, por meio do viés comparativo, como as personagens, Conceição do romance “O Quinze”, de Rachel de Queiroz e Macabéa de “A hora da estrela”, de Clarice Lispector são socialmente representadas na literatura, ao levar em consideração o contexto em que ambas as personagens estão inseridas. A pesquisa é de caráter bibliográfico, haja vista que para o embasamento foram utilizados textos teóricos que discutem a literatura como representação social, e também como a figura feminina é representada na literatura; para tanto foram utilizadas as reflexões de Candido (1993, 2000, 2002, 2004, 2010, 2017), Bosi (1994), Lúcia Helena (1997), Grob-Lima (2009), Fontes (2012) entre outros. Após a realização da pesquisa foi possível estabelecer as divergências e convergências entre as personagens, percebendo que ambas, de diferentes formas, são representações femininas de sociedades patriarcais e machistas que inferiorizam a mulher devido a sua construção social fragilizada.

**Palavras-chave:** Figura feminina; Literatura; Representação social.

## ABSTRACT

The present work discusses, through the comparative bias, how the characters, Conceição of the novel “O Quinze”, by Rachel de Queiroz and Macabéa of “A hora da estrela”, by Clarice Lispector are socially represented in the literature, taking into account the contexto in which both characters are inserted. The research is of bibliographic character considering that for the foundation theoretical texts were used that discuss the literature as social representation, and also how the female figure is represented in the literature; for this purpose, the reflections of Candido (1993, 2000, 2002, 2004, 2010, 2017), Bosi (1994), Lúcia Helena (1997), Grob-Lima (2009), Fontes (2012), among others, were used. After conducting the research, it was possible to establish the divergences and convergences between the characters, realizing that both, in different ways, are female representations of patriarchal and sexist societies that make women inferior because of their weakened social construction.

**Key words:** Female figure; Literature; Social representation.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>2 LITERATURA E REPRESENTAÇÃO</b>	<b>10</b>
2.1 A literatura como representação da sociedade	10
2.2 A figura feminina representada na literatura	13
<b>3 “O QUINZE” E “A HORA DA ESTRELA”: UMA ANÁLISE COMPARATIVA</b>	<b>17</b>
3.1 Contextos sócio-históricos das obras	17
3.2 As figuras femininas construídas no universo romanesco de Queiroz e Lispector	21
3.3 As duas estrelas: Conceição e Macabéa	27
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>37</b>
<b>5 BIBLIOGRAFIA</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma manifestação artística por meio da palavra, e um dos conceitos de literatura é a representação da realidade, seja esta de maneira subjetiva ou objetiva, isto não significa dizer que todos os fatos narrados em um texto literário sejam reais, pelo contrário, são fatos fictícios, embora algumas produções sejam baseadas em aspectos reais, contudo, ao estarem inseridos nas linhas de um texto se tornam enredos ficcionais. Dessa forma, “[...] na tarefa crítica há, portanto, uma delicada operação, consistente em distinguir o elemento humano anterior à obra e o que, transfigurado pela técnica, representa nela o conteúdo, propriamente dito” (CANDIDO, 2000, p. 34). Assim, é nesse espaço, que muitos escritores transpõem suas visões de mundo, como também criticam ou denunciam determinado aspecto social.

Sob este prisma, as escritoras Rachel de Queiroz e Clarice Lispector explanaram em suas produções literárias, desde questões sociais, como, por exemplo, a representação feminina à concepções intimistas ou introspectivas. As obras de Queiroz são de cunho mais objetivo e social, as de Lispector, por sua vez, abordam temáticas sociais, embora uma das maiores características de suas obras seja a subjetividade. No geral, as personagens mais marcantes nas obras das respectivas autoras são protagonistas femininas. Nesse sentido, tendo como *corpus* de análise os romances “O Quinze” de Rachel de Queiroz e “A hora da estrela” de Clarice Lispector, o presente trabalho objetivou analisar como Conceição, personagem feminina em “O Quinze” e Macabéa, de “A hora da estrela” de Clarice Lispector são representadas socialmente, sob o viés comparativo, ao levar em consideração o contexto em que ambas as heroínas estão inseridas.

O interesse da pesquisa surgiu após o contato com as duas obras, produzidas no mesmo século mas com construções femininas distintas, as escritoras dos respectivos romances propõem de uma forma ou de outra uma desconstrução do sujeito mulher representado no mundo ficcional, ao apresentar personagens femininas com características singulares. Nesse sentido, é imprescindível analisar como as figuras femininas são reproduzidas na literatura, haja vista que ainda há um estereótipo de construção no qual prevalece a visão masculina, sob esse viés, é necessária uma releitura e análise das personagens supracitadas, uma vez que é

possível estabelecer uma linha de comparação entre elas, mesmo pertencendo a períodos sócio-históricos divergentes, e dessa maneira, abrir caminhos para novos e possíveis olhares em relação a maneira de como a mulher é representada literariamente, levando em consideração os devidos contextos de inserção e produção, como também, os estigmas construídos cultural e historicamente.

Para tanto, fez-se necessária uma pesquisa de cunho bibliográfico, uma vez que foram coletados materiais teóricos que discutem a relação de literatura e sociedade, como também a representação da mulher na literatura, inclusive as mulheres queirozianas e lispectorianas. O presente trabalho se estrutura em dois capítulos, no primeiro foi explanado a relação entre literatura e sociedade, isto é, a literatura utilizada como pano de fundo na denúncia, por exemplo, de uma realidade marginalizada, apagada socialmente, ou, para criticar determinados costumes sociais. Discutiu-se também como a literatura representa a imagem feminina, ou seja, como a mulher foi moldada socialmente, bem como os fatores externos e ideológicos que perpassam o perfil social feminino.

No segundo capítulo, apresentou-se os respectivos contextos sócio-históricos de cada obra analisada, assim como um breve panorama das personagens femininas construídas por Rachel de Queiroz e Clarice Lispector, por meio da exemplificação de alguns romances de cada autora supracitada. E por fim, explanou-se primeiramente o posicionamento social de cada personagem, *Conceição* e *Macabéa*, ou seja, como cada protagonista é representada socialmente, em seguida, foram delineadas as aproximações e distanciamentos entre as personagens, sob o viés comparativo, ao levar em consideração o contexto de inserção de cada obra literária, “*O Quinze*” pertencente cronologicamente a segunda fase modernista e “*A hora da estrela*” a terceira fase, como também, os contextos nos quais cada personagem está historicamente inserida. Assim, foi possível constatar que as heroínas dos romances analisados vivem em sociedades marcadas pelo domínio masculino, sendo estigmatizadas tanto pela própria condição humana quanto culturalmente.

## **2 LITERATURA E REPRESENTAÇÃO**

### **2.1 A literatura como representação da sociedade**

Desde a antiguidade, os seres humanos fazem literatura, seja para expressar sensações ou representar aspectos sociais. Os homens viram a necessidade de construir momentos que designassem estruturas próprias e específicas, por isso, o surgimento dos movimentos literários. Nos primórdios, por exemplo, em suas pinturas rupestres, os seres humanos expressavam símbolos em rochas como forma de arte, isto é, uma forma de representar o mundo a sua volta. Sob essa lógica, a literatura procura retratar a sociedade de uma determinada época, ou seja, a literatura é o reflexo da sociedade.

Gregório de Matos, poeta nomeado “boca do inferno” foi um dos mais conhecidos do barroco brasileiro, principalmente, pelos sonetos assíduos que apresentam críticas referentes à sociedade da época, “[...] com os seus preconceitos, as suas querelas, [...]” (CANDIDO, 2017, p. 215). Nesse sentido, é preciso lembrar que os escritos mais antigos privilegiavam principalmente a classe média burguesa das metrópoles e, em se tratando da literatura brasileira, o Rio de Janeiro era o espaço frequentemente retratado, enquanto que os demais espaços, tais como os subúrbios eram pouco representados nas obras literárias, principalmente do Romantismo.

O Arcadismo, procurou o conceito mais próximo do verossímil, isto é, “a noção de arte como cópia da natureza” (BOSI, 1994, p. 56), ou seja, por estar mais relacionado ao campo, ao refúgio, os escritores arcádicos expressavam em seus textos, esse lugar de paz e tranquilidade. Já durante o Realismo e Naturalismo, os autores retratavam em suas obras a sociedade tal qual ela era, seja como um simples espelho de costumes medíocres, seja na transposição de realidades absurdas e marginalizadas, pois conforme lembra Candido (1993, p. 123) “Embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal”. Assim, toda produção literária tem um vínculo social, mesmo que implicitamente e indiretamente, mas é importante lembrar, a realidade não é o produto, ou seja, a causa da construção de uma ação narrativa.

De acordo com Candido (2010), a literatura procurava mostrar que o significado de uma determinada obra dependia ou não dos aspectos sociais, pois, o texto literário

tinha um fim em si mesmo, sem relações ou condicionamentos externos, sendo considerado apenas sua estrutura formal e interna. Atualmente, essas concepções foram ampliadas, e não podem ser trabalhadas separadamente, é necessária uma junção, isto é, fundir texto e contexto para uma melhor análise e/ou compreensão, como ressalta o crítico: “Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (CANDIDO, Op. Cit. p. 13).

A literatura pode ser considerada uma representação da realidade, no entanto, é importante destacar que não se trata meramente de refletir ou expor aspectos sociais de uma determinada época, e sim, na constituição de uma obra literária são trabalhados elementos externos (ambiente, aspecto social), e internos (estrutura, individual), logo, analisá-la apenas de forma sociológica é dizer que o meio é a causa de sua existência, como se pode perceber na seguinte afirmação de Candido (Op. Cit. p. 22), “Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal”. Nessa perspectiva, ambos elementos devem ser tomados de maneira conjunta, visto que são formadores da estrutura literária.

Outrossim, Candido (Op. Cit. p. 24), tomando como base os pressupostos de Auerbach afirma que é necessário fundir “[...]os processos estilísticos com os métodos histórico-sociológicos para investigar os fatos da literatura”; ou seja, o social é evocado para esclarecer a obra em sua estrutura interna, isto é, tornar claro o seu objeto. Sob essa ótica, na configuração de uma obra, o meio, ou seja, os valores sociais e as ideologias, também compõem a estrutura da mesma, o processo de criação que na verdade acontece de forma mútua (texto e contexto) é transposto em sua estrutura e a constitui (CANDIDO, 2010).

A obra literária tem como uma das suas principais características a atemporalidade, haja vista que mesmo quando produzida em tempos distantes e distintos retratam determinadas realidades/sociedades que se mantêm. Portanto, a obra literária como objeto artístico, é resultado de uma imersão de espírito do autor e o mundo a sua volta: “A arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos” (Op. Cit. p. 63).

O texto narrativo reflete de maneira implícita ou explicitamente o contexto histórico no qual está inserido, mas não se limita a este, a ação literária é atemporal,

podendo refletir determinadas sociedades em períodos sócio-históricos diversos. Dessa forma, é por meio da arte de narrar que o autor pode transpor essas realidades materiais ou abstratas para esses ambientes imagéticos/ficcionais ou esclarecer uma realidade que está contida nas entrelinhas do texto, segundo Rosenfeld (2002, p. 15):

Este mundo fictício ou mimético, que frequentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se, portanto, representativo para algo além dele, principalmente além da realidade empírica, mas imanente à obra.

Vale ressaltar, que além do caráter objetivo da literatura ao apresentar e retratar uma realidade empírica, há por outro lado, a realidade subjetiva de representar a sociedade, ou seja, pela visão do autor/narrador que ao compreender a realidade a sua volta transpõe para o texto literário por meio da literatura. Outrossim, a literatura é fonte de comunicação entre os homens, isto significa, que todo escrito literário produz uma mensagem, um significado. Sob esse aspecto, a literatura é vista também como fonte de informações, pois assim como outros meios informativos se faz presente na vida do ser humano. Ela em seu caráter atemporal representa sociedades diversas conhecidas ou não pelo público leitor.

Nesse sentido, a literatura mesmo que implicitamente por meio de seu conteúdo ou uma realidade literariamente construída pode estar ligada a críticas ou denúncias sociais, mas, mesmo que determinada realidade seja transposta para o mundo ficcional, e haja um reconhecimento por parte do leitor, o conteúdo está limitado ao espaço estrutural, pois está representado de forma indireta, muitos escritores utilizaram desse meio para criticar realidades a sua volta, Antônio Candido (2004, p. 186) nos diz que “[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão a mutilação espiritual”.

Assim, através de determinadas obras literárias tomamos conhecimento sobre aspectos e críticas sociais de épocas definidas, seja na demonstração de costumes burgueses antigos ou atuais, seja na denúncia das mazelas sociais, que muitas vezes são esquecidas pelos órgãos públicos, também podem representar/denunciar uma realidade presente, além de conhecermos traços estilísticos de diversos autores e contextos históricos/sociais específicos.

## 2.2 A figura feminina representada na literatura

A figura feminina sempre foi vista como um ser sensível e recatado, que deveria viver sob a égide masculina, ou seja, era criada por seus pais para viverem um propósito, o qual, tratava-se de casar e posteriormente ser mãe e dona do lar, esse estereótipo prevaleceu durante muitos decênios, as mulheres não tinham direito ao voto, não podiam trabalhar fora de casa, ou até mesmo serem independentes. Por esse motivo, a mulher que não se comportasse como uma “flor sensível e ingênua” era mal vista pela sociedade.

Desde a antiguidade, a educação feminina estava voltada para a preparação da mulher em relação aos seus deveres domésticos e matrimoniais. Famílias mais abastadas, por exemplo, educavam suas filhas as tarefas principais para seu futuro lar, tais como: ler, escrever, contar, coser e cuidar da casa, nisto estava incluído cuidar dos filhos e do marido. E o pior de tudo isso, é que elas não podiam nem reivindicar, porque poderiam ferir a imagem masculina.

Dessa forma, essas várias faces da imagem feminina foram representadas na literatura, seja como um ser delicado, seja como um ser que foge aos padrões, para ser dona de si. Contudo, o corpo social, de forma mais específica, os homens, são sujeitos autoritários, e assim, a sociedade prevalecia patriarcal, haja vista que os valores morais do homem não podiam ser manchados ou ocupados de forma igualitária pela mulher, tendo em vista que mesmo conseguindo ingressar no mercado de trabalho não tinham direito aos mesmos salários que os homens. Bourdieu (2007) expõe sobre a violência simbólica, sofrida implicitamente pelas mulheres, nesse contexto machista:

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2007, p. 07-08).

Dessa maneira, a dominação masculina já é algo naturalizado pela sociedade, isso significa, que as mulheres por serem consideradas frágeis e sensíveis, são posicionadas como segundo sexo, estando assim, a um nível mais baixo que os

homens cultural e socialmente, a mulher por sua vez, por não ter o apoio de ninguém, muitas vezes nem o da própria mãe, esta que possivelmente foi educada da mesma forma, acaba se sujeitando a um relacionamento de submissão, no qual o marido decide o caminho que ela deve seguir, outro fator causal dessa situação é a falta de conhecimento, que por não ter acesso a uma educação que possa formá-la para além do meio doméstico, limita-a e conseqüentemente a prende a esse contexto de submissão e violência simbólica.

É importante salientar, que esse estereótipo construído sobre a imagem feminina sempre existiu, as grandes epopeias gregas nos lembram este fato, haja vista que as mulheres da Grécia eram relegadas do corpo social, destinadas apenas aos afazeres domésticos e conjugais, e mais, a mulher grega não tinha direito à cidadania, o que reforçava ainda mais a desigualdade de espaços entre homens e mulheres.

Foi em razão disso, que vários movimentos de luta por igualdade de gênero surgiram, tinham como principal objetivo a busca de reconhecimento, visto que a mulher é considerada tão capaz quanto o homem. Tais acontecimentos emergiram a partir do século XIX quando as mulheres começaram a lutar pelos seus direitos, a partir disso, começaram por exemplo, a entrarem no mercado de trabalho, outras reivindicavam melhorias em relação aos direitos trabalhistas, visto que mesmo inseridas no mercado assalariado recebiam bem menos que os homens.

Ao sair do contexto real, e se inserir no ficcional a figura feminina foi representada de diversas formas de acordo com as concepções de cada época. No Arcadismo, por exemplo, escritores como Cláudio Manoel da Costa, representavam a mulher no contexto rural, ou seja, como pastoras idealizadas e inacessíveis (BOSI, 1994).

No Romantismo, por sua vez, a mulher era vista de forma idealizada, inacessível. Em um primeiro momento, ela era contemplada de maneira completamente ingênua e de beleza pura, mas sem erotismo. Na segunda geração, ainda continuavam sendo idealizadas, porém, com certa sensualidade contida, em contrapartida, na terceira geração elas já eram contempladas de maneira totalmente carnal. Pode-se citar como exemplo, o romance “Lucíola” de José de Alencar, circunscrito no período romântico, mas com traços realistas, retrata a vida de Lúcia/Maria da Glória, uma mulher que devido às circunstâncias de sua vida, acaba se tornando uma cortesã, isto é, uma prostituta de luxo. Contudo, é mal vista pela



sociedade por romper com modelos enraizados, inclusive até mesmo pelas próprias mulheres da época (ALENCAR, 2002).

Sob essa ótica, ao objetificar a mulher, como um ser de contemplação, ela era silenciada, ou seja, não tinha voz para expressar seus desejos e suas aspirações, uma vez que seu futuro já era premeditado pelo seu responsável, isto é, seu pai, figura masculina vigente na vida de toda mulher, principalmente da época, sendo assim, ela não tinha opções de argumentar contra a vontade do seu superior.

Do mesmo modo, o Realismo abordou questões sociais e costumes burgueses principalmente, exceto, a maneira idealizada da figura feminina, “assim, do Romantismo ao Realismo, houve uma passagem do vago ao típico, do idealizante ao factual” (BOSI, 1994, p. 173). Esse movimento buscou representar a sociedade da época tal qual ela era, com críticas cruas e diretas, a mulher já não era considerada perfeita, era um ser de desejo, poderia ser traiçoeira quando necessário, no geral, eram figuras com defeitos e astuciosas.

No Parnasianismo, a mulher era apresentada quase da mesma forma que o Realismo, em seus aspectos carnis e desejos, já no Simbolismo, além das características descritas até o momento, ela era representada de maneira mítica, retratada em sua dualidade, ora deusa, musa, ora adúltera, cortesã. Nesta linha cronológica de representação da imagem feminina na literatura, explicitada em suas íntimas e externas características, a grosso modo, é uma mulher caracterizada geralmente por figuras masculinas, que de acordo com a época e ideologia patriarcal vigente constitui as suas personagens.

No Modernismo, a partir do decênio de 1920, alguns paradigmas foram quebrados, a mulher agora é vista em sua singularidade, força e determinação, duas dessas mulheres que marcaram a época foram, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. As mulheres nesse novo momento são apresentadas em suas diversidades, seja étnica, cultural ou social, em seus vários contextos de inserção, inclusive como protagonistas.

Em “O Quinze”, pode-se observar esse protagonismo na personagem fictícia de Rachel de Queiroz, Conceição, suas principais características são: independência financeira e emocional. Ademais, tem um certo conceito a respeito de casamento e até o romantiza, porém, prefere ficar sozinha, suas ações são de mulher bem à frente de sua época, inclusive cria o próprio afilhado, rompendo assim, com o modelo patriarcal estabelecido, cuida da criança sozinha, e se mantém solteira até o fim de

sua vida, devido a uma desilusão amorosa. É assim que ela delinea seu próprio destino, uma mulher corajosa e singular.

Por outro lado, temos a personagem Macabéa de “A hora da estrela” de Clarice Lispector, é sim uma mulher independente economicamente, característica que já rompe com os modelos patriarcais, mesmo se tratando de um outro contexto. No entanto, é uma figura de fácil alienação, pois não tem opiniões próprias e tudo o que lhe dizem, por mais banais que sejam, ela estabelece como uma verdade absoluta. Logo, temos aqui dois extremos de representação da figura feminina moderna.

### 3 “O QUINZE” E “A HORA DA ESTRELA”: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

#### 3.1 Contextos sócio-históricos das obras

O Modernismo teve início no Brasil com a Semana de Arte Moderna em 1922, e tinha como principal objetivo a ruptura com os estilos e modelos considerados ultrapassados. Os escritores modernistas foram influenciados pelos movimentos de vanguarda europeia, notadamente o Futurismo, além do Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo.

O atual movimento pretendia criar algo novo na literatura nacional, ao quebrar ligações com os parnasianos e simbolistas que defenderam até o fim seus preceitos. Essas propostas estavam ligadas principalmente a uma arte livre da forma determinante, de linguagem própria, “com isso, encurralaram a literatura oficial no academismo mais estéril, e abriram caminho para a literatura nova, que dominaria completamente em nossos dias” (CANDIDO, 2010, p. 169).

Considerando que o objetivo deste trabalho consiste na discussão e análise de duas obras representativas do Modernismo brasileiro: “O Quinze” de Rachel de Queiroz e “A hora da estrela” de Clarice Lispector, sendo aquela inserida na segunda fase do Modernismo (1930-1945), fase conhecida como Regionalismo ou fase de construção e esta inserida na terceira fase (a partir de 1945), também conhecida como fase de Consolidação das ideias modernistas.

As obras da segunda fase, conhecida como literatura de ênfase social, relacionava-se à questões de ordem sociológica, arte regional e popular. Durante a década de 1930, alguns autores tiveram destaque, tais como: José Américo de Almeida, com a “Bagaceira” (1928) foi o precursor da referida fase, seguido por Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, além de Amando Fontes e Jorge de Lima.

Em relação ao romance “O Quinze”, uma das obras objeto de estudo deste trabalho, consiste na primeira obra, de Rachel de Queiroz, publicada em 1930, sendo considerada um dos marcos da literatura regionalista. O contexto da obra é o sertão nordestino, mas especificamente, o município de Quixadá interior de Fortaleza, terra natal da escritora. O livro aborda como pano de fundo principal o cenário da seca que assolou o Nordeste em 1915, fato verídico, experienciado pela autora que na época tinha apenas quatro anos de idade.

Trata-se de um romance de denúncia sobre os abusos sofridos pelos grupos marginalizados, que desde o século XIX vivem sob o estigma da seca, apesar de atualmente se ter modernizado relativamente, porém, a seca além de um problema político e social, também é de ordem natural, isso significa que cenários como esses vividos por nordestinos décadas atrás se repetem a cada ano, com a diferença de hoje possuírem alguns subsídios de sobrevivência, como, por exemplo, açudes.

A segunda fase foi marcada pelo golpe de Estado, causado pela revolução de 1930, Getúlio Vargas assumiu a presidência. O atual presidente objetivou centralizar o poder, inclusive como maneira de conseguir o apoio das massas com planos alienadores, assim, criou o Ministério do Trabalho, por exemplo, como pano de fundo de uma política trabalhista.

Até então, era a política do café com leite que prevalecia, ora o representante, juntamente com seus apoiadores, escolhia um candidato mineiro, ora paulista, mas, devido a uma quebra de acordo existente entre as oligarquias (mineira e paulista) durante o processo de escolha do novo candidato a presidência, Getúlio, com o apoio dos mineiros se apoderou da presidência do Brasil. O cenário mundial da crise de 1929 nos Estados Unidos também havia afetado o país, desestruturando a economia nacional, diante disto, vários autores explicitaram esses fatores em suas obras como forma de denúncia e crítica social.

Sob essa ótica, a região nordeste por longas décadas existiu sob o estigma de uma região pobre, de longos períodos de fome e seca, considerada pelos seus aspectos naturais uma região retrógrada, desvalorizada e, conseqüentemente, eram destinados poucos investimentos para suas localidades, devido a isso, seus habitantes por faltam de oportunidades se retiravam da terra natal, e saíam com destino às regiões que na época eram modelos de modernização e possibilidades de crescimento financeiro, o Norte e o Sudeste.

No romance “O Quinze”, a escritora apresenta isso de forma clara, ao construir personagens retirantes, a nível de exemplo, Chico Bento e sua família, que por conseqüências da seca foram obrigados a procurarem melhorias de vida, saindo a pé, porque as poucas passagens que o governo destinava aos migrantes eram desviadas para as mãos de quem já possuía privilégio na sociedade, pode-se perceber a revolta do personagem quanto a isso, “[...] Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres...Não ajuda nem a morrer!” (QUEIROZ, 2007, p. 35).

O Nordeste foi retratado em diversas obras regionalistas, tais como: “A Bagaceira” (1928) de José Américo de Almeida, “Menino de Engenho” (1932) de José Lins do Rego, “Capitães de Areia” (1937) de Jorge Amado, como também “Vidas Secas” (1938) de Graciliano Ramos, as quais têm como principal objetivo denunciar a situação precária vivenciada pelos nordestinos em períodos de seca, além de tematizarem a migração e a fome.

As obras do Regionalismo de 1930 também abordam outras temáticas, como, por exemplo, a posição da mulher na sociedade, neste caso, para a construção de Conceição, personagem feminina principal em “O Quinze”, a autora atribui características marcantes, como seu posicionamento diante de uma sociedade patriarcal, sua postura ideológica e independência emocional. O romance é constituído de linguagem simples e enxuta, além do predomínio de diálogos curtos, diretos e a presença da oralidade regional, o que o diferencia da literatura escrita até o momento.

Já a escritora Clarice Lispector, apesar do caráter de universalidade de sua obra, está didaticamente inserida na terceira fase modernista (a partir de 1945), sua escrita se desvencilha da linguagem padronizada de até então e marca um novo momento na literatura, pode-se dizer que se trata de um espelho enigmático de sua mente, procurava descobrir o sentido das coisas, o sentido de viver. Suas obras estão mais voltadas para um fluxo e reflexão da consciência, do que a sociedade propriamente, isso é fato em seus textos, ela não se preocupa com o fato em si, e sim como isso repercute no sujeito leitor.

O romance “A hora da estrela” foi publicado pela primeira vez em dezembro de 1977, último livro da escritora reproduzido em vida, especificamente no período pós governo Vargas e vigência da ditadura militar instaurada (1964-1985), inclusive foi nessa época que Clarice Lispector consegue reconhecimento de suas obras, reconhecimento este consolidado com as publicações de “A paixão segundo G.H.” (1964) e “A Legião Estrangeira” (1964).

O momento de publicação do romance objeto de análise foi em meio a esse desequilíbrio nacional. A grosso modo, o século XX foi marcado por desestruturas econômicas e políticas, os literatos como forma de criticar a realidade a sua volta, retratavam em suas obras seja de maneira explicitamente social ou subjetiva. Neste contexto, ainda existia o preconceito em volta da região nordeste, a protagonista da

narrativa é uma alagoana na cidade grande em busca de melhores condições de vida por influências da tia.

A geração de 1945 foi marcada por diversos acontecimentos nacionais e mundiais, tais como: no Brasil marcava o fim da Era Vargas e o início da ordem militar, implantando a ditadura que prevaleceu por vários anos. A nível mundial, foi o ano que marcou o fim da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria, além da corrida armamentista, todavia, essa fase foi a menos agitada se comparadas às duas anteriores. A literatura do decênio de 1940, abordou de forma genérica um desvio pragmático das temáticas apresentadas durante a fase anterior, isto é, temas de cunho político-social, para abordagens psicológicas, as obras de Lispector apresentam caráter intimista ou introspectiva, ou seja, aspectos subjetivos ligados ou as memórias ou a realidade a sua volta.

Durante esse período, diversos órgãos e escritores foram censurados, e, o romance “A hora da estrela” foi publicado em meio a essa desordem, de certa forma, as personagens construídas pela autora representam o momento vivenciado por diversos indivíduos que compunham os grupos marginalizados. O que nos leva a refletir, que a escritora propõe, nesta obra, evidenciar, de forma direta e sem piedade, as mazelas sociais, no que tange a grupos menos favorecidos.

“A hora da estrela” é considerado o único romance da escritora de cunho explicitamente social, no qual, Lispector se utiliza de um narrador homem para contar a história de Macabéa a partir de uma visão que ele tece a respeito da nordestina. Ao levar em consideração a inserção das personagens: Macabéa e Olímpico de Jesus (nordestinos) ela aborda a ideia de retirante “perdido” em cidade grande.

É interessante ressaltar, que o período de escrita do livro foi o momento em que as mídias da época estavam em destaque (TV e Rádio), e a Rádio Relógio citada no texto é verdadeira, a escritora inclusive a ouvia com regularidade. A protagonista do romance a ouve todos os dias através de um aparelho de rádio emprestado por uma das colegas de quarto e aprende coisas fúteis, sem processá-las da maneira correta. Isso era o resultado de uma população em massa que não podia ter acesso à cultura, haja vista que a verdadeira cultura havia sido censurada, então, o rádio tinha como principal função entreter as massas. Como esclarece Pires (2011, p. 20):

Numa época de silêncio imposto aos meios de comunicação, prevaleciam, na programação televisiva, os “enlatados” norte-

americanos, os programas de calouros, as transmissões de concursos de Miss e a exibição de telenovelas, que começavam a se firmar como indústria de passatempo dirigido às massas.

Assim, foi em meio a esse contexto conturbado e vivenciado pela a autora que se publica o romance, é possível estabelecer uma relação entre contexto e obra, ao levar em consideração os pressupostos de Candido (2010), a qual se trata da personificação da personagem nordestina, Macabéa, na alienação sofrida pela população brasileira no período ditatorial, uma vez que a população não tinha acesso aos meios culturais, ou seja, uma narrativa marcada pela denúncia social.

### **3.2 As figuras femininas construídas no universo romanesco de Queiroz e Lispector**

Rachel de Queiroz nasceu em Quixadá no Ceará em novembro de 1910, fez parte da segunda fase (1930) do Modernismo brasileiro, foi uma das precursoras do movimento regionalista em 1930, publicou seu primeiro romance aos dezenove anos, apesar de viver no Nordeste numa época em que o estigma relativo à região era forte. Fome, miséria, seca e principalmente, o posicionamento feminino diante de uma sociedade patriarcal são temáticas recorrentes em suas obras. Teve boas influências, visto que seus pais eram intelectuais ativos, inclusive de literatura estrangeira, além de uma vasta biblioteca à disposição.

O primeiro romance publicado por Rachel de Queiroz foi “O Quinze”, o qual aborda a temática da seca que assolou o sertão nordestino em 1915, ano em que a referida escritora contava com apenas quatro anos de idade. Ao analisar a obra de Rachel de Queiroz no geral, ver-se-á fortes traços de sua vivência representadas em algumas de suas personagens. Detendo-se mais especificamente nas personagens femininas, são marcadas por personalidades fortes, característica das mulheres nordestinas.

É importante ressaltar, que as personagens queirozianas no geral, vivem experiências semelhantes, além do comprometimento com as causas sociais. Para Holanda (1992, p. 14), Rachel de Queiroz

[...] é uma superescritora, uma escritora moderníssima que vende muito, que faz muito sucesso até hoje. Com 84 anos, ela é um best-seller. Apesar de ela detestar ser chamada de feminista, ela é

fundamentalmente a favor da mulher. Suas personagens são poderosas, ela tem uma galeria de mulheres fortes que culmina com Maria Moura, uma mistura de Rainha Elizabeth e cangaço.

Sob esse viés, as suas personagens apresentam aspectos fortes e mulheres que pensam e agem além do que o contexto lhes permitem, Maria Moura é uma dessas personagens. É importante conhecer algumas heroínas das principais obras de Rachel de Queiroz, iniciando pelo romance “O Quinze” por se tratar do seu romance de estreia.

Em “O Quinze”, publicado em 1930, além de narrar a situação crítica dos retirantes nordestinos em busca de melhorias de vida em outras regiões por meio do personagem Chico Bento e sua família, ela nos apresenta em um outro extremo, mas ao mesmo tempo interligado à temática, o posicionamento de Conceição, personagem principal. Queiroz constrói uma mulher de visões ampliadas e posicionamentos próprios diante de uma sociedade toda contra sua independência intelectual e pessoal, ela rompe com todos os paradigmas da época ao delinear seu próprio destino. Por um momento, até idealiza um suposto romance com seu primo Vicente, mas não se efetiva. Diante disso, ela então se desilude do amor e decide seguir sua carreira e viver sozinha, apenas criando seu afilhado como filho seu, desconstruindo assim, um modelo padrão de família (QUEIROZ, 2007).

Em “As três Marias” publicado em 1939, é apresentada a estória de três mulheres: Maria Augusta, Maria da Glória e Maria José. Guta (Maria Augusta) é a heroína e narradora e apresenta uma visão de mundo ampliada para a época, mulher emancipada, que após sair de um internato, faz um concurso de datilografia em um jornal de Fortaleza e decide viver sozinha. A personagem desde o início da narrativa nos mostra seus anseios e ideais, isto é, uma vida livre dos condicionamentos sociais, característica marcante para o contexto no qual está inserida. Ela se envolve com três homens e um deles se suicida (QUEIROZ, 1973). O citado romance é considerado o mais autobiográfico da autora.

Em “Dôra, Doralina”, publicado em 1975, a autora apresenta uma protagonista Dôra (Maria das Dores) um pouco diferente das demais, Dôra reúne características de mulheres rurais e mulheres urbanas. A princípio, a personagem vive infeliz por conviver com uma mãe severa que domina sua vida e um marido infiel que a trai com a própria mãe, Dôra, portanto, vive apenas um casamento de conveniência, sem amor. Com a morte do marido, a heroína abandona a mãe e vai viver sozinha, ao



construir a partir desse momento seu próprio destino, começa a trabalhar como atriz após entrar numa companhia de artistas e se envolve apaixonadamente com o comandante do navio, um sujeito bonito, porém, sem caráter (QUEIROZ, 2005).

“Memorial de Maria Moura” publicado em 1992, retrata a vida de Maria Moura, uma menina de dezessete anos, que perde a mãe enforcada, morta pelo padrasto, pelo fato de ela não ter assinado os papéis que davam direito às suas terras. É em razão disso, que Maria Moura manda matá-lo, após este acontecimento, ela enfrenta os primos que também querem tomar às terras, é então que ela põe fogo na casa e foge pelo sertão acompanhada de homens que ela os chama de “cabras” (QUEIROZ, 2009).

As personagens de Rachel de Queiroz carregam essa marca regional de mulher forte e poderosa, entretanto, em “Memorial de Maria Moura”, a mulher, notadamente a protagonista Maria Moura que expõe a máscara da força, carrega em si a dor da solidão, da frustração, é essa personagem que detém os traços mais fortes na literatura da autora. No geral, apresenta aspectos tradicionais com temáticas claras: a desilusão amorosa, a falta de filhos e a busca pelo desconhecido. É o último romance publicado pela escritora, inclusive é comum em seus romances o vínculo das personagens com o sertão, o desejo de retorno, de paz e tranquilidade na terra natal.

Maria Moura, antes de enfrentar a perda da mãe vivencia uma realidade conflituosa, pois o padrasto além de maltratar a mãe, abusa da menina tanto sexualmente quanto psicologicamente, mas depois que experiencia esse cenário, o enredo sofre uma grande mudança, a personagem experimenta uma nova perspectiva de vida como maneira de autodefesa em resposta à maldade humana. É nesse contexto, que ela, assim como outras personagens queirozianas, se mostra forte e poderosa frente as circunstâncias da vida, Fontes (2012, p. 113) confirma essa característica, “A obra de Rachel de Queiroz se caracteriza por apresentar personagens femininas cuja tônica é a defesa de sua individualidade, avessa à submissão”.

Logo, pode-se dizer que as personagens femininas de Rachel de Queiroz carregam características em comum, tratam-se de personagens nordestinas, corajosas, emocionalmente independentes mesmo em circunstâncias difíceis, determinadas e poderosas, mulheres à frente de sua época em busca de seus ideais, e principalmente, ao desconstruírem a cultura do patriarcado, são livres para arquitetar seu próprio destino.

Em relação à Clarice Lispector, a escritora nasceu em dezembro de 1920 em Tchetchélnik na Ucrânia, veio para o Brasil juntamente com a família, pois os judeus estavam sendo perseguidos pelos *progrons*. De acordo com Gotlib (2013), Clarice Lispector provavelmente chegou ao Brasil com pouco mais de um ano de idade e viveu inicialmente no Nordeste, especificamente em Maceió, porém, pouco tempo depois a família mudou-se para o Recife, onde residiu por vários anos até a mudança para o Rio de Janeiro, quando Clarice Lispector era ainda uma adolescente.

Quando criança, a escritora enfrentou diversos problemas, mas nunca os demonstrou abertamente, por exemplo, dificuldades financeiras e, com apenas nove anos, perdeu a mãe. É possível perceber aspectos de sua infância e adolescência nas obras que ela escreveu, pois geralmente apresenta personagens protagonistas femininas, e o sofrimento é um traço que caracteriza seus perfis, além da miséria material e da solidão por meio de um processo de libertação. Vários textos lispectorianos apresentam aspectos da vida da escritora, tais como, detalhes de sua infância, pode-se observar essa representação principalmente nos contos “Cem anos de perdão” e “Felicidade Clandestina”.

Clarice Lispector, desde pequena teve a alma escritora, tentou publicar contos em O diário de Pernambuco, contudo, nunca publicaram um texto seu, visto que seus manuscritos não se tratavam de fatos, como já conhecidos, e sim de sensações, foi por esta razão que a autora foi considerada revolucionária, no sentido de não se acomodar àquilo que já era conhecido e lido até então. Sua literatura é marcada por uma construção da liberdade do imaginário (GOTLIB, 2013).

Para os objetivos deste trabalho, foi necessário selecionar algumas personagens femininas de quatro romances de Clarice Lispector: “Perto do coração selvagem”; “A Cidade Sitiada”; “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” e “A hora da estrela”.

“Perto do coração selvagem” foi seu primeiro romance, publicado em 1943, no qual, Joana é a protagonista. Joana tem a vida marcada pela morte dos pais, e assim, é adotada pelos tios, mas por não tolerarem sua personalidade forte a colocam em um internato. A protagonista constrói experiências amorosas com três homens, dessa forma, apresenta um traço em comum com outras personagens lispectorianas, isto é, sempre a procura de algo, da “coisa”, expressão utilizada por Clarice Lispector para se referir a algo que todo ser humano está em busca. Joana, tem aversão ao sentimentalismo e a hipocrisia que permeiam as relações socioafetivas. Tal romance

é constituído em dois tempos simultaneamente: passado e presente como um fluxo de memória (LISPECTOR, 2019).

Assim como em outros romances de Clarice Lispector, a personagem feminina é condicionada pelos estereótipos sociais, que resultam em um modelo de moral que não pode ser transgredido, Joana se vê cercada por tais fatores, mas não se submete a eles. Como em outras personagens lispectorianas, o objetivo da heroína é se desprender dos condicionamentos socioculturais que ditam o papel da mulher na sociedade.

Em “A Cidade Sitiada”, publicado em 1949, tem-se por protagonista heroína, Lucrecia Neves, é uma personagem condicionada pelas amarras sociais construídas e herdadas como modelo final e correto, de uma mulher que necessita de um casamento que lhe traga subsídios materiais para sobreviver, a referida personagem é incentivada pela mãe, Ana, a se casar com um homem bem mais velho e rico, uma vez que este pode inseri-la na alta sociedade e protegê-la, já que nesta época as mulheres ainda eram vistas como figuras frágeis e atrasadas cultural e socialmente. Há nesse romance dois extremos, de um lado observa-se a periferia marginalizada, e de outro, a cidade progressista e moderna, a qual é ambicionada por Lucrecia (LISPECTOR, 2019).

Para Grob-Lima (2009, p. 54), “as personagens femininas de Clarice estão presas a um passado de erros e omissões da ancestralidade, por isso não conseguem manter uma atitude firme na vida[...]”. Nesse sentido, referindo-se a Lucrecia, sua mãe viúva, a filha sem a presença do pai, aquela descarrega toda uma construção sociológica sobre sua filha e dessa forma, permanece a passividade feminina na sociedade. A mesma estudiosa continua, “[...] Os limites da condição da mulher são um questão de status mental, que a impede de conhecer a potência de seu poder no núcleo familiar e na sociedade” (Op. Cit. p. 61).

Sob essa perspectiva, o casamento é concebido apenas como um amparo social e não como uma realização afetiva e sentimental, visto que a mulher não possui a liberdade que lhe é necessária na construção de seu destino. Lispector adota uma posição antirromântica e, ao mesmo tempo, uma escrita autêntica que desvincula-se dos modelos propostos e adotados. Ambas as personagens, Lucrecia e Joana sofrem de uma ausência inconsciente de carinho paterno ou materno, a qual resulta na configuração do próprio caráter.

Em “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” publicado em 1969, temos como heroína e protagonista Lóri, trata-se de uma articulação entre um romance cor de rosa e um romance moderno<sup>1</sup>, o qual narra a história de amor entre Lóri e Ulisses, ambos professores, este de filosofia e aquela de uma escola primária. A autora, novamente aborda nesse romance a relação de ambos os sexos dando ênfase a figura feminina, ao destacar aspectos de uma cultura do patriarcado, na qual a mulher ainda deve se submeter a papéis, os quais muitas vezes não lhe são agradáveis.

Sob essa ótica, o relacionamento dos dois funciona como uma aprendizagem, que resulta na aprendizagem de Lóri na sua formação amorosa, isto é, se preparar para Ulisses, seu homem. Diferentemente de romances clichês, a protagonista é uma mulher independente economicamente, livre e sexualmente ativa. Pode-se fazer uma analogia entre este romance e a epopeia de Homero, a “Odisseia”, a qual narra a volta de Ulisses e a espera de sua esposa Penélope, contudo, os papéis são invertidos, haja vista que a personagem que deve se preparar e esperar para o amor, é Lóri.

A aprendizagem ocorre de forma didática em que ambos os personagens vão se descobrindo no outro, através de um espelho de si, e é na realização dessa atividade que ao final, Lóri está preparada para o prazer, para o “amor”. Diferentemente dos demais romances, Lispector narra a trajetória progressiva de uma personagem feminina da dor para o prazer. Lóri e Ulisses se sentem preparados ao final para se entregarem um ao outro (LISPECTOR, 2020).

Em “A hora da estrela”, publicado em 1977, Macabéa é a protagonista, uma alagoana vivendo na cidade grande em busca de melhores condições de vida, nesse romance, em específico, a autora nos apresenta a degradação da condição humana, pois a heroína representa a vida de tantos retirantes que vão em busca de recursos nas grandes metrópoles. Macabéa trabalha em uma firma representante de Roldanas como datilógrafa, mas diversas vezes quase chega a ser demitida pelo seu chefe por não realizar suas tarefas corretamente, no entanto, por pena de sua ingenuidade a deixa no cargo (LISPECTOR, 1998).

A autora narra as aventuras e desventuras da protagonista, seu pequeno círculo social e inclusive um curto relacionamento com Olímpico de Jesus, também nordestino, que na primeira oportunidade a troca pela colega de trabalho de Macabéa,

---

<sup>1</sup> O professor Arnaldo Franco Júnior esclarece a respeito em uma aula palestra “Kitch e crítica em ‘Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres’ de Clarice Lispector”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OLJO6drxTs8> visto em: 01 de dezembro de 2020.

Glória. Vale ressaltar, que a personagem é uma garota simples e ingênua, não entende o sentido da vida, apenas vive como se fosse uma obrigação. No fim, ela morre de forma trágica, atropelada por um carro de luxo, é então que se compreende que cada indivíduo tem seu momento de glória, de ser notado pela sociedade, e o de Macabéa foi no momento de sua morte.

Pode-se inferir alguns traços notáveis nas personagens lispectorianas, postuladas aqui por meio de alguns romances, suas personagens femininas no geral, são construídas com base em uma autonomia, pensamentos marcantes, quase sempre como uma desvinculação através do imaginário que se torna real sobre os condicionamentos sociais impostos às mulheres. A construção de uma liberdade que como consequência gera solidão e, Macabéa é a única que consegue romper com esse paradigma.

### **3.3 As duas estrelas: Conceição e Macabéa**

Considerando os objetos de estudo do presente trabalho, ou seja, as protagonistas Conceição de “O Quinze” e Macabéa de “A hora da estrela”, aqui denominadas “estrelas”; é importante tanto descrevê-las de forma minuciosa quanto estabelecer uma análise comparativa entre ambas.

A estrela de Rachel de Queiroz é uma figura avançada para sua época, uma mulher que pensa e age além do que as circunstâncias e o contexto impõem. A produção literária da referida escritora está cronologicamente inserida na segunda fase do Modernismo brasileiro, conhecida como Regionalismo de 1930, este momento é marcado por escritores que tinham como objeto literário os costumes, a cultura e a expressividade de suas determinadas regiões de origem.

Conceição, personagem feminina protagonista no romance é uma moça que reside entre o campo e a cidade, vive em meio aos modelos patriarcais que prezam a mulher que se dedica somente ao lar, todavia, ela rompe com esses paradigmas, ao se tornar independente aos vinte e dois anos de idade e possuir anseios mais abrangentes do que a maioria das mulheres de sua época, jovem de intelectualidade, trabalha como professora na cidade, moça instruída e de perspectivas, na fazenda na casa de mãe Nácia, vive acompanhada de seus livros, “Aqueles livros – uns cem, no máximo – eram velhos companheiros que ela escolhia ao acaso, para lhe saborear um pedaço aqui, outro além, no decorrer da noite” (QUEIROZ, 2007, p. 12).

Outrossim, é mulher decidida e dona de si, não tem sentimentalismo, apesar de gostar do primo Vicente e de idealizar um certo romance que não se concretiza, não fala em casamento. Porém, a avó não gosta quando ela afirma não querer se casar, “Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão” (Op. Cit. p. 14).

Sob essa ótica, o casamento ainda era visto como essencial para a vida de qualquer mulher, e não se casar significava algo ruim para a imagem de uma moça, contudo, Conceição, não dá tanta importância a essa ideia. Nesse sentido, Coelho (1993, p. 317) aponta que: “Desde jovem normalista, Conceição se mostra alegremente ‘avessa ao casamento’, afirmando que nascera solteirona”. Assim, com seu conceito de posição social ampliado, ela rompe com todos os padrões vigentes para as mulheres da época, ao decidir seu próprio destino.

Conceição, além de ensinar em uma escola, também ajuda no Campo de Concentração, lugar onde retirantes se abrigam por falta de condições econômicas, seja com comida, ou socorrendo no que eles precisem, ela faz o que pode para amenizar a situação crítica na qual eles vivem, como se pode observar a rotina dela a seguir:

Saía de casa às dez horas e findava a aula às duas. Da escola ia para o Campo de Concentração, auxiliar na entrega dos socorros. E só chegava de tardinha, fatigada, com os olhos dolorosos de tanta miséria vista[...] (QUEIROZ, 2007, p. 77).

Sob essa perspectiva, pode-se perceber o papel ativo da personagem, ao se colocar na linha de frente no socorro dos retirantes nordestinos, ou mais amplamente, estar a frente de causas sociais. Ao contrário de muitas moças, ela não é afeita ao matrimônio e muito menos aos deveres do lar, os quais são essenciais para uma mulher na idade dela, com isso, entende-se que ela é uma mulher bem a frente de sua época com ideais e pensamentos distintos da sociedade patriarcal vigorante.

Mesmo não se interessando completamente pelo casamento e seus deveres como consequência, Conceição, nutre de forma supérflua uma paixão pelo primo Vicente, entretanto, não vai adiante, principalmente, quando ela percebe que eles pertencem a mundos diferentes, esta uma moça letrada que vive na cidade, aquele um peão do mato que está ligado às normas patriarcais e que enxerga a mulher

apenas para se submeter ao marido, isto é, como dona do lar e mãe. Quando ela se dá conta disso, percebe que não dariam certo:

[...] foi então que se lembrou que, provavelmente, Vicente nunca lera Machado... Nem nada do que ela lia [...] Num relevo mais forte, tão forte quanto nunca o sentira, foi-lhe aparecendo a diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida (Op. Cit. p. 84).

Assim, ao optar por seguir seu próprio caminho, Conceição, abre mão de outras experiências como até mesmo um matrimônio feliz, pois quando analisa a cogitação de uma relação mais profunda com o primo, constata que nem o mais forte dos sentimentos podem preencher o vazio que ela sentiria em relação às próprias experiências, isto é um aspecto comum nas personagens femininas da autora, a desilusão amorosa, impedida por diversos fatores, logo, suas heroínas preferem viver sozinhas do que se prenderem a um casamento.

Em relação aos fazeres pelos que necessitam, vale aqui lembrar a preocupação de Conceição quanto à família de Chico Bento, retirantes. Para arranjar um trabalho para este, ela toma a iniciativa e vai diretamente ao bispo pedir licença para seu conhecido no açude do Tauape. Outrossim, por ter decidido desistir do amor, Conceição decide cuidar do afilhado com o consenso dos pais, como se fosse seu próprio filho, desde o dia que o pega e ele cai doente ela se desespera, cuida do menino como uma mãe, “Conceição toda se desvelava em exageros de maternidade” (Op. Cit. p. 112), ela se apega rapidamente à criança.

É importante destacar, que Conceição é a primeira personagem feminina criada por Rachel de Queiroz, ao longo da vida, a autora constrói diversas figuras femininas, suas heroínas representam de certa maneira anseios e desejos íntimos da própria escritora, sob essa lógica, o crítico e sociólogo Antônio Candido (2002, p. 55) destaca,

A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial.

Sob esse viés, determinado personagem pode expressar mesmo que implicitamente, características ou vontades subjetivas do próprio criador, haja vista que no mundo da fantasia ele pode construir seu herói ou heroína conforme sua

inspiração e aspiração, outrossim, não é necessário uma personagem de ficção ter um correspondente na realidade, visto que ela existe na imaginação criada pelo leitor e pelo próprio autor, isto comprova a sua existência ficcional e mimética.

Em “A hora da estrela” de Clarice Lispector, Macabéa é a estrela, ela representa inúmeros sujeitos que são marginalizados na sociedade. O narrador em terceira pessoa é um homem, chama-se Rodrigo S.M. que apenas ao “pegar no ar” sente a vida da nordestina a partir de sua imagem. É importante destacar, a figura de um narrador masculino na trama, a autora escolhe assim, porque acredita ser mais forte, corajoso, “porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Macabéa é uma moça designada a viver seu destino sem momento de reflexão quanto ao que fazer sobre a vida, atrasada, sob o estigma de nordestina burra em uma cidade “toda feita contra ela[...] ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia[...]” (Op. Cit. p. 15), é um ser ignorado socialmente e marginalizada pela sua condição social e humana.

Essa moça, não tem consciência de si, vive a vida como quem é carregado pelas ondas do mar, mas um traço tem em comum entre as personagens nordestinas representadas na literatura, o narrador Rodrigo S.M. lembra isso, “[...] o que escrevo não pede favor a ninguém e não implora socorro: aguenta-se na sua chamada dor com uma dignidade de barão” (Op. Cit. p. 17). Nesse sentido, está explícito a imagem do nordestino forte, criado para aguentar qualquer circunstância.

Lispector (1998) explicita na obra uma realidade social a qual é mascarada pela alta sociedade, trata-se de uma moça que não tem consciência de si mesma e do seu lugar no mundo, seus desejos, sonhos, ela vive um acaso, se coloca em posição de inferioridade inconscientemente, como o ocorrido no trabalho como datilógrafa, trabalha mal e por isso o chefe quis demiti-la, mas por pena de sua ingenuidade, não a demite de imediato.

O escritor Samuel Johnson no século XVIII caracterizou a personagem literária de duas maneiras, a personagem de costumes e a personagem de natureza, nesse sentido, refletindo na personagem de Clarice Lispector, pode-se dizer que se configura como uma personagem de natureza, ou seja, um ser de complexidade, apesar de viver de maneira simples e desajustada, é complexa, “[...]nas quais é preciso ser capaz de mergulhar nos recessos do coração humano[...]” (CANDIDO, 2002, p. 61), para serem compreendidas.



Macabéa pensa sobre a própria existência pela primeira vez, após o evento da quase demissão. Na ida ao banheiro ao se olhar no espelho, percebe o seu apagamento no contexto em que está inserida, ao não ver o próprio reflexo no objeto. As pessoas ao seu redor não a notam, na verdade passa despercebida. É submissa e não se dá conta, o narrador questiona: “Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente” (LISPECTOR, 1998, p. 26).

“Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço” (Op. Cit. p. 27). Pois, além de carregar sangue nordestino em solo sulista, estigma que há tempos carrega essa marca de inferioridade, é mulher e pobre, não tem forças para reivindicar, na verdade, não sabe nem o que deve reivindicar. É uma figura passiva, não se questiona sobre as coisas ao seu redor e principalmente sobre a vida. Ela, “imaginavazinha, toda supersticiosa, que se por acaso viesse alguma vez a sentir um gosto bem bom de viver – se desencantaria de súbito de princesa que era e se transformaria em bicho rasteiro[...]” (Op. Cit. p. 32).

Sob esse ponto de vista, ela não queria experimentar o ápice de viver e por isso, não percebe o gosto real da vida, imagina que se fizer isso pode até morrer, dessa forma, faz mais sentido para ela não sentir. É um ser condicionado e alienado facilmente, acredita em tudo o que lhe dizem, certa vez adoeceu obedientemente após ter ingerido ovo duro, só porque sua tia lhe falara que fazia mal ao fígado.

Mauriac (1952) *apud* Candido (2002) salienta que o autor (criador) está intimamente ligado a sua personagem (criação). Sob esse viés, em uma entrevista concedida ao programa da TV Cultura em 1977<sup>2</sup>, Lispector revelou o início da inspiração de construção do romance apresentado, afirmou que certa vez ao ir ao bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro, observou os inúmeros nordestinos “perdidos” naquele lugar, em um outro momento, foi a uma cartomante e imaginou se por acaso um táxi a atropelasse após ela saber tantas coisas boas.

Vale ressaltar, que a autora morou no Nordeste e enfrentou necessidades materiais e humanas, o que pode estar relacionado de certa maneira na elaboração da personagem. O desamparo presente na narrativa, trata-se de uma miséria anônima e apagada socialmente. Macabéa divide um quarto com mais quatro moças, só come cachorro-quente com Coca-Cola e ouve através de um aparelho de rádio emprestado

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida pela autora a TV Cultura em fevereiro de 1977. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>. Visto em 02 de fevereiro de 2021.

por uma de suas colegas de quarto a Rádio Relógio. Sua única paixão na vida se chama goiabada com queijo, mas sua tia que a criara, fez questão de proibi-la de comer quando criança, ela nem sabe porquê isso acontecia e nem se questiona. Seu maior prazer é recortar anúncios dos jornais velhos que há no escritório, e colá-los no seu álbum.

Certo dia, inventa ao chefe do trabalho que precisa tirar um dente e por isso, não pode ir trabalhar, o que Macabéa quer na verdade é um espaço e um momento só para ela, ao ficar sozinha no quarto, sem as colegas pela primeira vez, sente-se livre, nesse contexto, a personagem usufrui de sua liberdade solitária. Mas, quando arranja um namorado, Olímpico de Jesus, logo se apega, não sabe o que conversar, mas também não entende o que ele fala, quando o aborrece se desespera em pedidos de desculpas, “[...] – é ? – Pois se eu estou dizendo! Você não acredita? – Acredito sim, acredito, não quero lhe ofender” (LISPECTOR, 1998, p. 49).

Ambos são ignorantes, mas Olímpico não quer apresentar-se como analfabeto para não ferir seu ego, e Macabéa, não deseja chateá-lo com seus questionamentos. Ele a trata muito mal, grosso e insensível, porém, ela não percebe, acha tudo muito natural, não quer aborrecê-lo. Certa vez, ao dizer a ele que queria ser artista de cinema, ele debocha e ainda afirma: “- e você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema” (Op. Cit. p. 53).

Diferentemente, de Conceição, Macabéa se submete a esses tratamentos do seu namorado, como se ela fosse o ser errado na estória. Ela deposita a própria felicidade no sujeito (namorado) e depende emocionalmente dele. Macabéa, também tem um desejo de muito tempo, ambiciona ser gorda, pois ela acredita que os homens desejam mulheres desse porte, isso fica mais evidente após Olímpico terminar o namoro com ela para ficar com Glória, colega de trabalho.

As vezes, percebe-se que ela nem ao menos se sente, não se compreende, não sabe explicar as próprias dores, pede aspirina a Glória constantemente porque sente dores, mas não sabe aonde: “ – por que é que você me pede tanta aspirina?[...] – é para eu não doer – como é que é? Hein? Você se dói? – eu me dôo o tempo todo – aonde? – dentro, não sei explicar” (Op. Cit. p. 62). Essa dor que Macabéa sente, pode ser considerada uma dor existencial, ou simplesmente não ter consciência da própria dor, não dando tanta importância, neste caso.

O narrador de Lispector a todo momento intervém de forma subjetiva a respeito da personagem, apesar de apenas ter visto a nordestina de relance, entende-se que

a conhece e a compreende melhor do que ela mesma. Por influência de Glória, Macabéa vai a uma cartomante, até então, a moça nunca havia enxergado o sentido de sua vida, de refletir sobre seu destino ou futuro, indo a cartomante pela primeira vez, a protagonista teria um destino, e até a senhora lhe dizer e ela acreditar que sua vida é horrível a personagem não tinha percebido. Em ambos os romances, há traços explícitos e implícitos das autoras, por exemplo, Clarice Lispector acreditava no trabalho de cartomantes e inclusive as procurava frequentemente.

É nesse momento, que Macabéa sente esperanças de um futuro grandioso, que iria começar já. Ao sair da casa da cartomante tomada de grande êxtase, algo terrível acontece, quando percebe o que ocorreu, já estava no chão, havia sido arremessada pelo carro de luxo e o estrangeiro no volante, é nesta hora que ela começa a viver, pois só agora nota o real sentido de sua vida, até que enfim, é enxergada pela sociedade, uma vez que está cercada por pessoas desconhecidas.

Ambas as personagens objetos de análise, são nordestinas, apesar de serem construídas em períodos literários distintos, estão inseridas em contextos retrógrados e estereotipados, Conceição, moça decidida, não vive esperando seu destino bater a porta, ela mesmo o delinea a seu molde, ao fazer isso, foge dos modelos patriarcais, mas é importante destacar que a jovem tem vantagens se comparada a outras moças, como Macabéa de Lispector por exemplo, sua condição social é mais privilegiada, pois ela teve acesso a uma educação e inclusive é professora, mesmo sendo muito jovem.

Macabéa, por sua vez, uma alagoana “perdida” no Rio de Janeiro, não obteve as mesmas oportunidades, vive em um contexto pobre. Ambas perderam os pais muito cedo, porém, cada uma desfrutou de educação e amor no seio familiar de maneira divergente, a protagonista de Clarice Lispector foi criada por uma tia beata carrasca, e por isso, não conhece o que é amor “ [...] já não sabia mais ter tido pai e mãe, tinha esquecido o sabor” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Assim, Macabéa não sabe o que é carinho, por isso, acata os tratamentos horríveis de seu namorado. Consegue um trabalho como datilógrafa, mas o realiza muito mal, na verdade, como já frisado, a personagem representa inúmeros nordestinos perdidos na cidade grande em busca de melhores condições de vida, mas por serem acompanhados de uma imagem estereotipada, são marginalizados.

As obras são situadas em dois extremos, “O Quinze” de Rachel de Queiroz é o marco inicial na literatura da autora, já “A hora da estrela” de Clarice Lispector é uma

das últimas obras escritas por ela, é a que expõe mais explicitamente questões sociais. Vale lembrar, que as autoras viveram no Nordeste, contudo, Queiroz veio de uma família abastada, Lispector, no entanto, experienciou outra realidade, perdeu sua mãe muito nova e passou grandes dificuldades financeiras com suas irmãs e seu pai (GOTLIB, 2013).

Os romances analisados estão inseridos em contextos que eram dominados e, apesar das lutas das mulheres, ainda são, por instituições dominantes e ideologias arraigadas, nas quais a mulher ainda é representada e construída como sujeitos inferiores a uma sociedade machista, Rachel de Queiroz com sua obra de estreia rompe com esses paradigmas, mas enfrenta diversos preconceitos por ser mulher, seu amigo e também escritor Graciliano Ramos foi um dos que duvidaram da sua capacidade artística (FONTES, 2012).

Lispector, por sua vez, apresenta em suas narrativas personagens femininas que vivem sob um comodismo até sofrerem um fluxo de consciência e refletirem sobre a própria existência. Ao pensar sobre o processo de construção das personagens femininas de Clarice Lispector, a estudiosa Lucia Helena (1997, p. 100) nos afirma:

Lispector assina uma obra que é cena fulgor de um encontro de lugares prontos da cultura que ela questiona, reativa e enriquece ao trazer à tona uma ruína da história, provocada pela pauta da escrita predominantemente declinada no masculino: a de que a voz da mulher foi e tem sido reprimida pelo modelo dominante de conceber o sujeito, a escrita e a história em nossa cultura.

Nesse sentido, sua obra é marcada pela desconstrução estereotipada do sujeito mulher na sociedade e na literatura, assim como Rachel de Queiroz fez ao representar protagonistas heroínas em seus enredos. Na linha de cruzamento entre as personagens, Conceição e Macabéa, são mulheres marcadas por um rótulo instituído por uma sociedade patriarcal e machista, onde a mulher deve permanecer virgem e recatada, enquanto o homem pode viver e se tornar o que quiser sem impedimentos ou preconceitos.

Ambas as personagens enfrentam essa realidade, principalmente, por serem mulheres e estarem debaixo de um sistema que diminui o sexo feminino social e culturalmente. Conceição e Macabéa são mulheres e nordestinas, sendo assim, o peso do estigma recai ainda mais intensamente por pertencerem a uma região marginalizada social e historicamente.

As personagens citadas se distanciam no aspecto educacional, pois Conceição é moça letrada e inclusive é professora com apenas vinte e dois anos, procura estar sempre a par da situação feminina na sociedade, ao buscar conhecimento por meio de leituras que a avó inclusive a censura, haja vista que na época desta as mulheres não podiam ler esse tipo de conteúdo “[...] a questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternais [...]” (QUEIROZ, 2007, p. 131).

Já Macabéa, tem apenas dezenove anos, entretanto, não teve o privilégio de ter acesso a uma educação de qualidade, realidade muito visualizada no século XX devido principalmente a condição social e econômica. De modo que no seu trabalho quase chega a ser demitida por não realizar suas tarefas corretamente:

[...] só tinha até o terceiro ano primário [...] e a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. Embora, ao que parece, não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra ‘designar’ de modo como em língua falada diria: designar (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Dessa forma, pode-se perceber a divergência intelectual entre as personagens, isto é fruto de uma sociedade desigual que não valoriza todos os seus indivíduos de forma igualitária e justa, marginalizando sujeitos que acabam sendo apagados ou esquecidos do corpo social, esse é o caso de Macabéa, que assim como tantos outros, fora “jogada para escanteio”, principalmente, pela herança cultural que ela carrega.

Conceição, assim como Macabéa, também carrega a mesma herança cultural, todavia, não se acomoda a uma posição imposta pela sociedade, a diferença entre elas também está na condição financeira, Conceição tem um certo privilégio por ter posses, ou melhor, pela herança de sua avó que a criara desde pequena, o que acaba refletindo em sua formação social, pois sempre teve o apoio da matriarca. Macabéa, contudo, não tem o apoio de ninguém, assim como Conceição perdera os pais muito nova, mas não obtivera o apoio necessário da tia que a criou, ficando sozinha no mundo após a morte desta, sem ninguém para guiá-la na construção de seu destino.

Outrossim, as moças pensam em construir suas vidas também através do matrimônio, mas não como um amparo social, que faz parte do “dever” de toda mulher, mas ter como base o sentimento afetivo, Conceição idealiza um romance com seu primo Vicente, mas não vai adiante por causa de algumas circunstâncias, dentre elas, ele ter uma visão de mundo limitada em relação à realidade a sua volta, inclusive em relação a posição feminina. Macabéa, também acredita que há sentimento entre ela e

Olímpico, pois do ponto de vista dela foi “amor à primeira vista”, entretanto, Olímpico não corresponde seus sentimentos na mesma intensidade, visto que na primeira oportunidade a troca por outra. Logo, Conceição e Macabéa vivem suas vidas sozinhas sem a presença de um verdadeiro amor.

Assim, pode-se perceber que ambas as personagens carregam traços que a diferenciam de outras mulheres do contexto em que estão inseridas, na verdade, as autoras propõem uma desconstrução das personagens femininas construídas até então, pois de uma forma ou de outra, elas acabam deixando sua marca no mundo, Conceição é uma mulher singular e emancipada, dona de si e do próprio destino, Macabéa também é uma moça distinta mesmo sendo uma jovem condicionada pelo meio, ela não é um nada como a classe dominante a quer caracterizar, mas uma personagem de essência, de valor, e, portanto, querendo ou não, ela se encontra, ela que havia andado perdida toda a sua vida.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura é a arte da palavra, é por meio dela que escritores têm a oportunidade de escrever aquilo que se materializa a partir do imaginário. São as narrativas ficcionais que nos permitem compreender diversos momentos históricos e sociais, pois diversos autores se utilizam desses meios para construir estórias, sejam elas para criticar, denunciar ou enaltecer algum aspecto social ou abstrato.

No momento de elaboração dos textos, os criadores, isto é, os autores, em algumas circunstâncias se espelham em objetos físicos ou simplesmente intangíveis, mas, é importante lembrar que determinada obra literária não é um espelho propriamente dito, no qual reflete algum aspecto social, antes é um complemento, uma integração dialética, Candido (2000, p. 33) nos diz que: “[...] a sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz”.

Nesse sentido, não se pode afirmar que uma produção literária é um reflexo da realidade objetiva, mas um complemento, uma construção mútua, texto e contexto. As narrativas objetos de análise estão inseridas em determinados contextos sócio-históricos, “O Quinze” de Rachel de Queiroz no Regionalismo de 1930 e “A hora da estrela” de Clarice Lispector na fase de Consolidação, isto é, a partir de 1945. O foco de análise deteve-se nas protagonistas femininas, isto é, Conceição e Macabéa, pertencentes as obras supracitadas, através do método comparativo, ao levar em consideração o contexto histórico de cada obra literária nas quais cada personagem está inserida.

Conceição, personagem feminina de “O Quinze” é uma mulher decidida quanto ao seu futuro, no sentido de não se submeter aos padrões machistas da época, ela é a protagonista do próprio destino. Macabéa, por outro lado, é uma moça independente economicamente, porém, é condicionada pela realidade a sua volta, visto que não reflete o espaço no qual vive e muito menos o próprio papel.

As duas personagens estão inseridas em um contexto marcado pela cultura do patriarcado, apesar de a diferença temporal de publicação entre os romances serem mais de quatro décadas, ambas enfrentam o machismo e a dominação masculina. Mas conseguem se sobrepôr, Conceição vive sozinha, preferindo não se casar. Macabéa também vive sozinha, uma vez que seu único relacionamento se desfaz tão rapidamente quanto inicia e o seu destino toma um rumo inesperado, pois quando

acredita que sua vida de fato mudaria, ao sair da cartomante é, de forma trágica, transformada em estrela, mas é neste momento que Macabéa, assim como o capim que brota, começa a viver.



## 5 BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, J. M. **Lucíola**. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: Esboço para um Possível Retrato**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BUARQUE, H. H. **A roupa de Rachel, um estudo sem importância**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Contemporâneos /Escola de Comunicação da UFRJ, 1992.
- CANDIDO, Antônio. **No Raiar de Clarice Lispector**. In: Vários Escritos. São Paulo, Duas Cidades, 1970.
- \_\_\_\_\_. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A Formação da Literatura Brasileira**. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
- \_\_\_\_\_. et al. **A personagem de ficção**. 10 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- \_\_\_\_\_. **A Educação pela Noite e Outros Ensaios**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.
- CHIAPPINI, Ligia. **Do beco ao belo: Dez teses sobre o regionalismo na literatura**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995.
- COELHO, N. N. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- DIAS, Maria. **As distintas margens da escrita literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Metodologia do Trabalho Intelectual**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.
- FIGUEIREDO, C.V.S.; NOLASCO, E.C. **A hora da estrela e o Brasil de 70**. Guavira Letras, 2007. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/quavira/article/view/132/111>. Acesso em: 09 de março de 2021.
- FONTES, Lilian. **ABC de Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- GOTLIB, Nádya. **Clarice: Uma vida que se conta**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- GROB-LIMA, Bernadete. **O percurso das personagens de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- HELENA, Lúcia. **Nem musa, nem medusa – Itinerários da escrita em Clarice Lispector**. Niterói: EDUFF, 1997.
- LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- \_\_\_\_\_. **A cidade sitiada**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- \_\_\_\_\_. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- \_\_\_\_\_. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PIRES, Isabel. Clarice Lispector e a contracena da história em “A hora da estrela”. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 32, n. 1, p. (9-24), jan./jun. 2011. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10404>. Acesso em: 23 de abril de 2021.

QUEIROZ, de Rachel. **O Quinze**. 84<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

\_\_\_\_\_. **As três Marias**. 7<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

\_\_\_\_\_. **Dôra, Doralina**. 23<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

\_\_\_\_\_. **Memorial de Maria Moura**. 21<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.